

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
CAMPUS: PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

MARIA ANTONIA PEREIRA DOS SANTOS
CÉLIA REGINA DINIZ DE SOUZA

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO:
Duas práticas que se completam

PARNAÍBA
2011

**MARIA ANTONIA PEREIRA DOS SANTOS
CÉLIA REGINA DINIZ DE SOUZA**

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO:

Duas práticas que se completam

**Trabalho de conclusão do curso de Licenciatura
Plena em Pedagogia da Universidade Estadual do
Piauí, sob a orientação da Profª Lucrecia Gomes
Souza**

**PARNAÍBA
2011**

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária
Christiane Maria Montenegro Sá Lins CRB/3 - 952

S717a

SANTOS, Maria Antonia Pereira dos

Alfabetização e letramento: duas práticas que se completam/
Maria Antonia Pereira dos Santos; Célia Regina Diniz de Souza.
– Parnaíba: UESPI / Universidade Estadual do Piauí, 2011.

52 f.

Orientadora: Mda. Lucrécia Gomes

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Universidade
Estadual do Piauí, UESPI, Curso de Licenciatura Plena em
Pedagogia – Período Especial, 2011.

I. Alfabetização - métodos. I. Souza, Célia Regina Diniz de.
II. Gomes, Lucrécia. III. Universidade Estadual do Piauí. IV.
Título

CDD 372.241

MARIA ANTONIA PEREIRA DOS SANTOS
CÉLIA REGINA DINIZ DE SOUZA

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO:

Duas práticas que se completam

Monografia apresentada ao curso de
Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí,
para obtenção do título de Licenciado em
Pedagogia. Orientador: Lucrecia Gomes de
Souza

APROVADA EM: ___ / ___ / ___

BANCA EXAMINADORA:

Orientador: Lucrecia Gomes de Souza

Examinador Externo;

Examinador Interno:

Dedicamos este trabalho fruto de um grande esforço àqueles que contribuíram para a sua realização, em especial aos nossos pais, esposos e filhos que em algum momento abriram mão de seus interesses pessoais para possibilitarem nosso crescimento. A realização desse trabalho deve-se a vocês, pois ele não é só nosso, mas de todos!

Muitas pessoas colaboraram para que este trabalho árduo se concretizasse, mas neste momento representamos todos elas. Agradecemos a Deus por toda a força que nos foi dada, através dos anjos que ele colocou ao nosso lado. Aos nossos esposos que com muito afeto nos demonstraram companheirismo, e nos fizeram com que nos sentíssemos vitoriosas, aos nossos filhos pelo apoio e compreensão, aos nossos pais que sabiamente nos conduziram pelos caminhos mais verdadeiros, aos nossos professores que sempre com muito amor e respeito nos ensinaram a superar obstáculos, colegas de sala pelo senso de humor e energia com partilhada e aqueles companheiros que de alguma forma nos ajudaram. Um muito obrigado seria pouco para expressar nosso reconhecimento e amor a todos. Muito obrigada! Compartilhamos nossa conquista com todos.

Se não houver caminho que nos leve nossas mãos o
abrirão, e haverá lugar para as crianças, para a vida e para
a verdade; e esse lugar será de todos, na justiça e na
liberdade. Se alguém se anima, me avise: seremos dois a
começar.

Dom Pedro Casaldáliga

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo principal investigar os motivos que dificultam o processo de alfabetização e letramento dos alunos das séries iniciais do ensino Fundamental da rede pública de ensino da cidade de Parnaíba-PI, constatando se as práticas destes processos vem acontecendo e como se processam em sala de aula. A mesma foi realizada impulsionada pelo interesse em descobrir se ocorre e como ocorre o processo de alfabetização e letramento, bem como conhecer os norteadores dessa prática. Para fundamentação e suporte teórico da pesquisa foram utilizadas as contribuições de Simoneti, Carvalho, Fernandes, Teberosky, Ferreiro, Vygostky, Soares e outros. Portanto a pesquisa realizada foi de cunho qualitativo, pois teve o fundamento investigar uma prática e coletar informações sobre o processo de alfabetização e letramento em sala de aula. Dessa forma para obtenção de dados foi utilizada a observação não-participativa e aplicação de questionários com perguntas abertas, as quais proporcionaram uma maior reflexão quanto a compreensão das colaboradoras sobre o processo de alfabetização e letramento. . Diante dos dados coletados confirmaram-se todas as hipóteses levantadas na pesquisa

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização- Letramento- Leitura e Escrita- Práticas sociais.

ABSTRACT

To present research he/she had as main objective to investigate the reasons that hinder the literacy process and the students' of the initial series of the Fundamental teaching of the public net of teaching of the city of Parnaíba-pi letramento, being verified the practices of these processes is happening and as they are processed in class room. The same was accomplished impelled by the interest in discovering if it happens and as it happens the literacy process and letramento, as well as to know the norteadores of that practice. For fundamentação and theoretical support of the research the contributions of Simoneti were used, Carvalho, Fernandes, Teberosky, Blacksmith, Vygostky, Soares and other. Therefore the accomplished research was of qualitative stamp, because he/she had the foundation to investigate a practice and to collect information on the literacy process and letramento in class room. In that way for obtaining of data the observation was used no-participativa and application of questionnaires with open questions, which provided a larger reflection as the collaborators' understanding on the literacy process and letramento. . Before the collected data all the lifted up hypotheses were confirmed in the research

WORD-KEY: Literacy - Letramento - Reading and Writing - Social Practices.

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| TABELA 01: Demonstrativo das colaboradoras da pesquisa | 15 |
| TABELA 02: Conhecimento e informação sobre alfabetização e letramento | 39 |
| TABELA 03: Metodologias usadas para desenvolver o trabalho de alfabetização e Letramento | 41 |
| TABELA 04: Condições para o desenvolvimento do trabalho de alfabetização e letramento | 42 |
| TABELA 05: Apresentação de objetivos alcançados..... | 44 |
| TABELA 06: Apresentação de hipóteses confirmadas | 45 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 10 |
| CAPÍTULO I: DESVELANDO O PERCURSO METODOLÓGICO..... | 13 |
| 1.1 Descrição do tema..... | 13 |
| 1.2 Abordagem da pesquisa | 14 |
| 1.3 Colaboradores da pesquisa..... | 15 |
| 1.4 Contexto empírico..... | 15 |
| 1.5 Observação não participante | 16 |
| 1.6 Questionário | 16 |
| 1.7 Categorias de análise..... | 17 |
| CAPÍTULO II: ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO | 18 |
| 2.1 Conceitos e aquisições da linguagem | 18 |
| 2.2 Perspectivas históricas da escrita e da leitura | 21 |
| 2.3 Definição de Alfabetização e Letramento..... | 24 |
| 2.4 Concepções do professor a respeito do letramento..... | 28 |
| 2.5 Alfabetizar e letrar simultaneamente | 31 |
| 2.6 Práticas inovadoras que combatem a deficiência de letramento..... | 34 |
| CAPÍTULO III: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS..... | 37 |
| 3.1 Conhecimento e informação sobre alfabetização e letramento..... | 38 |
| 3.2 Metodologias usadas para desenvolver o trabalho de alfabetização e letramento..... | 40 |
| 3.3 Condições para o desenvolvimento do trabalho de alfabetização e letramento..... | 41 |
| CAPÍTULO IV: CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES..... | 43 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 47 |
| APÊNDICES | 49 |
| APÊNDICE A | 50 |
| APÊNDICE B..... | 52 |

INTRODUÇÃO

Ao longo de muitos anos o professor foi visto como um difusor de ideias na maioria das vezes incontestadas, como um profissional passivo, que apenas deveria repassar conhecimento aos seus alunos sem se preocupar com a prática nem com a contribuição da mesma para o avanço ou retrocesso dos discentes.

Concepções como estas vêm sendo cada vez mais contestadas por pesquisadores e até mesmo pelos próprios educadores, que percebem cada vez mais as dificuldades enfrentadas na sala de aula ao iniciarem suas crianças no mundo da leitura e da escrita.

Ressalta-se, porém que alfabetizar hoje é um desafio constante, pois implica reflexão, tendo em vista que alfabetizar não é mais apenas codificar e decodificar mais também codificar e decodificar.

Dessa forma nas últimas décadas do século passado a maneira de ensinar em relação a leitura vem se transformando enormemente. Um dos avanços consideráveis, atualmente é talvez o uso da denominação letramento que em suas diferentes concepções vem promovendo uma série de mudanças no perfil do profissional da educação, inserido na sala de aula, fazendo com que o mesmo identifique que o saber que está sendo construído, verificando assim sua legitimidade enquanto que proporciona conhecimento significativo para os educandos.

É necessário compreender então que alfabetizar e letrar são antes de qualquer coisa, provocar e despertar nas crianças o desejo e o prazer de ler e escrever, inserindo-as de forma lúcida no mundo da leitura e da escrita.

Assim deve-se pensar que ao lado do letramento, o processo de alfabetização tem suas especialidades de aprendizagem e deve ser trabalhado separadamente sem dissociá-lo do processo de letramento e a especificidade do ensino e aprendizagem do letramento sem dissociá-lo da alfabetização.

Destaca-se então a importância da prática de se alfabetizar letrando. Alfabetizar na perspectiva de letramento significa então vivenciar com as crianças práticas de leitura e escrita e instrumentalizá-la para que estejam aptas ao uso das múltiplas linguagens em situações diversas e isto de fato só será possível se o educando tiver como mediador um professor (a) que compreenda a indissociabilidade e a especificidade da alfabetização e do letramento, ou seja, que consiga alfabetizar e letrar.

Dessa forma, tendo em vista a necessidade de se construir conhecimentos

relevantes nas séries iniciais da rede pública na cidade de Parnaíba e diante dessas novas incorporações das habilidades de uso da leitura e da escrita em situações sociais e de se formar sujeitos letrados. Por isso este trabalho teve o objetivo de se pesquisar os motivos que dificultam o processo de alfabetização e letramento nas séries iniciais do Ensino Fundamental na Escola X da rede pública da cidade de Parnaíba.

A pesquisa realizada foi do tipo transversal correlacional/causal, pois descrevem relações entre duas ou mais categorias, conceitos ou variáveis em um momento determinado

Para realização deste estudo foram utilizados para coleta de dados: a observação e o questionário que deram suporte para obtenção de informação e para análise realizada.

A observação (cujo roteiro se encontra no Apêndice B) foi não-participativa, pois optou-se por não interferir no problema em estudo. Ainda para atender as necessidade da pesquisa, escolheu-se também um questionário com perguntas abertas proporcionando ao entrevistado uma maior clareza em torno de objeto pesquisado e possibilitando ao mesmo apresentar de forma ampla suas definições acerca do que foi questionado,

Os sujeitos que fizeram parte da pesquisa foram as professoras visto que o problema investigado refere-se, à sua prática utilizada. Sendo assim, elas forneceram informações necessárias para a análise dos dados.

Ainda como parte integrante da coleta de dados, ressalta-se o universo da pesquisa, que foi desenvolvida em uma escola da rede pública de Parnaíba, conveniada ao estado e ao município, que na presente pesquisa será citada com o nome de escola X. Para melhor compreensão das informações obtidas na coleta de dados, foi realizada a análise de conteúdo com isso objetivou-se analisar criticamente os dados coletados, assim a pesquisa pôde estar fundamentada em informações legítimas que forneceram a compreensão do problema investigado.

Portanto, a técnica de coleta de dados minimizou o volume das informações, trouxe as particularidades e características das mesmas e contribuiu para uma melhor apreciação dos dados obtidos.

Quanto à organização da monografia, ressalta-se a sua estrutura em quatro capítulos. O primeiro versa sobre a temática da pesquisa e a metodologia adotada, bem como a abordagem da mesma e os instrumentos utilizados para a coleta de dados, também aborda os aspectos referentes às colaboradoras da pesquisa e ao universo onde se desenvolveu a mesma.

O segundo capítulo trata da fundamentação teórica ou revisão bibliográfica da investigação que deram suporte para a análise de tabelas descritivas. A elaboração deste foi subsidiada nos referenciais teóricos de Amália Simoneti, Marlene Carvalho, Maria Fernandes,

Ana Teberosky, Emília Ferreiro, Leda Tfouni, Magda Soares dentre outros nomes que tratam do assunto.

O terceiro capítulo tece em torno dos dados coletados que foram subsidiados pela observação e pelo questionário, com uma interpretação mediada pela análise de conteúdo e pelo referencial teórico. Em seguida, no quarto capítulo seguem-se as considerações finais bem como possíveis sugestões para que este trabalho dê prosseguimento a um estudo posterior em torno do fenômeno apresentado.

De acordo com o exposto, a pesquisa está articulada a instrumentos que proporcionaram dados para análise realizada possibilitasse uma maior compreensão do problema estudado, assim como sua estrutura favorece uma abordagem sistemática contribuindo para um melhor entendimento por parte da comunidade abordada.

CAPITULO I

1. DESVELANDO O PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo apresentamos a trilha metodológica da pesquisa. Na qual o tema é Letramento e Alfabetização: duas práticas que se completam, onde buscamos aprofundar mais sobre as causas que interferem no processo de letramento em uma escola da cidade de Parnaíba. Mostramos quem são as colaboradoras da pesquisa, o contexto empírico em que a escola está inserida e em seguida teremos maiores considerações acerca dos instrumentos utilizados. Para atender os objetivos da pesquisa utilizamos a observação e o questionário. Como referências destacam-se as contribuições de Marconi e Lakatos (2003) Severino (2007) Prestes (2003) Chizzotti (2003).

1.1 Descrição do tema

Alfabetizar letrando é um desafio permanente. Implicar refletir sobre as práticas e as concepções por nós adotadas ao iniciarmos nossas crianças no mundo da leitura e da escrita.

Sabemos que o professor é o principal responsável para que a criança se aproprie com segurança da leitura e escrita, porém o que temos visto são crianças se apropriando ao código sem fazer relação nenhuma com os textos que circulam socialmente, ou seja, conhecem as palavras que lhes são ensinadas na escola fora de um contexto, sem o conhecimento das mesmas em um texto. Daí surgiu a necessidade de pesquisarmos sobre o tema: Letramento e Alfabetização: duas práticas que se completam, onde pudemos constatar se essas práticas vêm acontecendo e como se processam em sala de aula.

No que se refere ao enfoque da pesquisa que é de cunho qualitativo objetivamos conseguir informações acerca de um problema para o qual se procura uma resposta ou de uma hipótese que se queira comprovar ou refutar. Estas informações serão alcançadas mediante alguns objetivos.

Os objetivos de uma pesquisa são fundamentais para se atingir uma meta, e assim

negar aos resultados. Os objetivos são norteadores do trabalho, é com base neles que se preparamos os questionários, a observação e a aplicação dos mesmos na Escola X da cidade de Parnaíba e eles objetivam investigar os motivos que dificultam o processo de alfabetização e letramento dos alunos, coletar informações sobre o processo de letramento praticado nas séries trabalhadas, analisar as concepções que orientam a prática dos professores e evidenciar as metodologias aplicadas pelos professores no processo de alfabetização e letramento.

Após analisarmos a fala de alguns professores sobre o processo de alfabetização e letramento percebeu-se a necessidade de aprofundamento investigatório sobre os mesmos. Foram levantadas algumas hipóteses:

- Na prática, alguns professores não conhecem bem o processo de letramento;
- As metodologias usadas para desenvolver o processo de letramento não são adequadas;
- As condições materiais e estruturais não favorecem o trabalho de letramento e alfabetização.

1.2 Abordagem da pesquisa

Segundo Prestes (2003) a palavra pesquisa designa um conjunto de atividades que tem como finalidade descobrir novos fatos ou dados, em qualquer campo do conhecimento. Ela investiga o mundo em que o homem vive e o próprio homem. Essa atividade sempre é feita com base, reflexão e também de forma sistemática, buscando encontrar soluções e primando sempre pela verdade.

A pesquisa que realizamos buscou investigar os motivos que dificultam o processo de letramento dos alunos das séries iniciais do fundamental menor, bem como coletar dados e analisar as concepções que orientam a prática dos professores no que se refere ao letramento. Utilizou-se de pesquisa qualitativa, pois tem investigações empíricas com finalidade de analisar características de estudo e verificação de hipóteses levando em consideração a prática desenvolvida pelo professor em seu local de trabalho.

Ressalta-se ainda na pesquisa qualitativa e nos instrumentos que fazem parte dessa abordagem, o envolvimento com os sujeitos e a construção do estudo "in locu", ou seja, no campo de desenvolvimento do fenômeno estudado: a sala de aula e os professores, visto que:

[...] o pesquisador é parte fundamental da pesquisa qualitativa. Ele deve preliminarmente, despojar-se de preconceitos, predisposições para assumir uma atitude aberta a todas as manifestações que observa, sem adiantar explicações nem conduzir-se pelas aparências imediatas, a fim de alcançar uma compreensão global dos fenômenos.

(CHIZZOTTI, 2003, P. 23)

Assim, a presente pesquisa foi realizada em uma escola de Ensino Fundamental menor, da rede pública da cidade de Parnaíba e os dados coletados foram interpretados através de análise do conteúdo tanto do questionário quanto da observação.

1.3 Colaboradores da pesquisa

O enfoque desta investigação gira em torno da prática dos professores com o trabalho de letramento nas séries iniciais do ensino fundamental.

Para que a pesquisa pudesse ser realizada contou-se a participação de 05 professoras, identificadas aqui com nomes fictícios para manter o sigilo e preservação de suas imagens. Na tabela 01 demonstramos o perfil das colaboradoras.

| COLABORADORES | IDADE | FORMAÇÃO INICIAL | TEMPO DE PROFISSÃO |
|---------------|-------|------------------|--------------------|
| Professora A | 26 | Pedagogia | 10 anos |
| Professora B | 42 | Pedagogia | 15 anos |
| Professora C | 36 | Letras Português | 09 anos |
| Professora D | 37 | Pedagogia | 10 anos |
| Professora E | 28 | Pedagogia | 08 anos |

Tabela 01: Demonstrativo do perfil das colaboradoras da pesquisa.

Fonte: Questionário aplicado às professoras

1.4 Contexto empírico

A pesquisa foi realizada em uma escola de Ensino Infantil e Ensino Fundamental conveniada a rede municipal e estadual, localizada na cidade de Parnaíba, onde o público alvo são crianças de 4 a 10 anos, atendidas nos turnos manhã e tarde de segunda a sexta-feira.

A escola apresenta uma estrutura física inadequada, os espaços destinados à

realização das atividades são bastante reduzidos e com isso o desempenho da aprendizagem fica prejudicado. Os alunos são oriundos de diversos bairros e provenientes da classe econômica média. Possui sete salas de aula pouco arejadas, sendo que a biblioteca também funciona como sala de aula onde as crianças com deficiência na leitura e na escrita. Além da diretoria e da secretária, tem a sala dos professores, dois banheiros e um pequeno pátio destinado às atividades lúdicas.

1.5 Observação não-participante

“É aquela em que o observador permanece fora da realidade a ser estudada. Seu papel é de espectador, não interferindo ou envolvendo-se na situação” (Prestes 2003 p. 30).

A observação se deu de forma não participativa, isto é, sem interferência ou envolvimento na situação ou problema a que se estudou.

As observações concentraram-se especialmente nas salas de aula, isto é investigar a prática desenvolvida pelas professoras sobre como acontece o trabalho de alfabetização e letramento com as crianças. Teve duração de 4 horas em cada sala de aula, correspondendo a cinco dias de aula, totalizando vinte horas. Para a observação em cada sala seguimos o seguinte roteiro: Como acontece o processo de letramento na sala? Como é a participação dos alunos nas atividades? Como o professor alfabetiza as crianças fazendo uso do letramento?

1.6 Questionário

O questionário é um instrumento de coleta de dados, ampliando o campo de investigação que é composta por questões apresentadas por escrito às pessoas e que tem por objetivo proporcionar conhecimento ao pesquisador.

Durante a visita para observação na escola foi entregue às professoras o questionário que lhes permitiu uma reflexão quanto sua compreensão sobre o processo de letramento, fazendo com que elas avaliassem a importância de um conhecimento mais aprofundado sobre o assunto.

Os questionários foram entregues a cinco professoras. Todos foram devolvidos no

prazo devido. Optamos por observação e questionário, por ser uma forma de verificarmos se as respostas dadas pelas mesmas, no que diz respeito ao letramento, estavam de acordo com as observações feitas no ambiente observado.

1.7 Categorias de análise

Como forma de melhor interpretar os dados, a pesquisa foi subdividida em categorias, na ordem a seguir:

- Conhecimento e informação sobre alfabetização e letramento.
- Metodologias usadas para desenvolver o trabalho de alfabetização e letramento.
- Condições para o desenvolvimento do trabalho de alfabetização e letramento.

As categorias apresentadas darão suporte para as análises e discussão dos resultados da investigação a ser realizada no terceiro capítulo.

2. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Neste capítulo, são apresentadas discussões primordiais no que se refere a compreensão da alfabetização e letramento. Assim este se encontra dividido em seis subtópicos que abordam questões fundamentais para o entendimento da temática. No primeiro tópico ressaltam-se os conceitos e aquisições da linguagem, o segundo destaca-se a historicidade da escrita e da leitura e as transformações ocorridas em sua evolução, no terceiro trata-se das definições de alfabetização e letramento conforme as abordagens teóricas, o quarto refere-se sobre as concepções dos professores a respeito de alfabetização e letramento, no quinto aborda-se a importância de alfabetizar e letrar simultaneamente, e no sexto tópico apresenta-se algumas práticas inovadoras para combater a deficiência de letramento. Para tanto, estas se baseiam nos seguintes referenciais teóricos: Tfouni, Ferreiro, Teberosky, Rosa Neto, Vygostky, Soares entre outros.

2.1 Conceitos e aquisições da linguagem

A história evolutiva humana é cultural: tornamo-nos humanos na cultura; cultura esta representada por um modo de conviver determinado pelo entrelaçamento entre a linguagem e emoção, que formam redes de comunicação. Participando destas redes, nos humanizamos. Maturana (1997, p. 173) salienta que humanizar-se é compartilhar com outros um conjunto de valores e significados que dão sentidos às relações estabelecidas por este grupo.

O fenômeno social se fundamenta na aceitação do outro e o amor é a emoção que funda o social. O desenvolvimento e a aprendizagem ocorrem no operar sob condições de recursão e conservação da recursão nas coordenações consensuais de comportamento, desta forma linguagem e modo de vida está estreita e mutuamente interligado. Como nos esclarece Maturana (1997, p.175):

[...] todo afazer humano se dá na linguagem, e o que na vida dos seres humanos não

se dá na linguagem não é afazer humano; ao mesmo tempo, como todo afazer humano se dá a partir de uma emoção, nada do que seja humano ocorre fora do entrelaçamento do linguajar com o emocionar e, portanto, o humano se vive sempre num conversar.

Aprender uma língua não é somente aprender as palavras, mas também seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas do seu meio sócio-cultural entendem e interpretam a realidade. A linguagem constitui um dos eixos básicos no desenvolvimento do sujeito/criança, dada sua importância na formação, interação e na construção de conhecimentos e no desenvolvimento do pensamento. Convivendo, interagindo com os outros seres humanos por meio da imitação e modelagem a criança vai adquirindo a linguagem – conduta básica – para suas futuras aquisições. Ajuriaguerra (1992 apud ROSA NETO, 2002, p. 24) confirma as possibilidades e implicações da linguagem: “a linguagem nos possibilita representar as complexas abstrações que são o fundamento de nossa sociedade”.

No desenvolvimento da linguagem, intervêm fatores biológicos e ambientais. A execução de tarefas construtivas práticas é uma das formas manifestadas da atividade intelectual do homem. A segunda forma, muito mais elevada, é o pensamento discursivo ou lógico-verbal, mediante o qual o homem, baseando-se nos códigos da linguagem, é capaz de ultrapassar os marcos da percepção sensorial, refletir sobre relações simples e complexas, formar conceitos, elaborar conclusões e resolver problemas teóricos complicados. Essa forma de pensamento é singularmente importante, já que serve como base à assimilação e ao emprego dos conhecimentos e como meio fundamental da atividade cognitiva complexa do homem. E todos esses aspectos complexos que envolvem os processos da estruturação da linguagem a criança vai adquirindo aos poucos, por meio das diferentes formas de comunicação entre a criança e o meio (ROSA NETO, 2002, p.25). As relações estabelecidas pela criança com o meio e com as pessoas faz com que a mesma adquira cada vez mais suas condutas orais, aumentando progressiva quantitativa e qualitativamente seu repertório de comunicação e compreensão. Assim afirma Ajuriaguerra (1992 apud ROSA NETO, 2002, p. 27):

O acesso à linguagem propriamente dita se caracteriza por um abandono progressivo das estruturas elementares da linguagem infantil e do vocabulário que é o próprio, substituindo-o por construções cada vez mais parecidas com a linguagem do adulto. Ao mesmo tempo, a linguagem passa a ser um instrumento de conhecimento, um substituto da experiência direta. A redundância com a ação e com o gesto desaparece pouco a pouco.

A linguagem oral, nas suas diferentes formas de comunicação é tida como um

sistema de símbolos. A verdade é que a comunicação compreensiva e expressiva é condição imprescindível para o aprendizado da leitura e escrita.

A aquisição de informações, a cultura, a aprendizagem (indiferentemente da esfera em que acontece), a comunicação interpessoal são imprescindíveis ao domínio da leitura-escrita. Verdadeiramente, a leitura-escrita tem sido e é agente essencial na transmissão cultural entre gerações e entre os seres humanos em geral por meio de suas aprendizagens.

A leitura é um fenômeno de utilização de signos lingüísticos e não um fenômeno de sinais impressos para decifrar. O que proporciona o significado é a escrita relacionada ao contexto em que se encontra. No ato da leitura, sempre está envolvido o uso múltiplo de muitos índices, e a escrita é uma parte delas.

De acordo com o dicionário Aurélio (1986, p. 1019) ler é "ver o que está escrito, decifrar, interpretar um texto por meio de leitura: compreender o que está dito através dos sinais gráficos; tomar conhecimento do conteúdo de um texto pela leitura; reconhecer a mensagem do texto".

Em seu conceito amplo de leitura Freire (1998, p.11) também se refere a uma compreensão crítica do ato de ler, "[...] que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa do mundo e se alonga na inteligência".

Para Kato (1985, p. 87), "[...] a leitura pode ser entendida como um conjunto de habilidades que envolvem estratégias de vários tipos". Essas habilidades seriam: a de encontrar parcelas significativas do texto; a de estabelecer relações de sentido e de referência entre certas parcelas do texto; a de estabelecer coerência entre as proposições do texto; a de avaliar a verossimilhança e a consistência das informações extraídas; a de inferir o significado e o efeito pretendido pelo autor do texto.

Em todas as definições citadas e encontradas, desde a mais simples às mais complexas, encontra-se, implícita ou explicitamente, um ponto em comum: a compreensão. Então, parece que, para caracterizar a leitura, tem-se que começar por definir compreensão, os seus mecanismos e o modo como opera em se tratando de leitura, visto ter sido evidenciado que "ler é, antes de tudo, compreender" (SILVA, 1983, p.67).

Por muito tempo vigorou principalmente no meio escolar, o entendimento de que compreender um texto consiste tão-somente detectar a ideia principal e responder a questões de compreensão. Enfatizando esse procedimento, acrescenta Silva (p. 67-68): "No que se refere à compreensão, o aluno deve responder a um questionário por escrito, onde as respostas todas devem ser retiradas do texto, pois estão claramente aí expressas".

Um dos pioneiros no processo de concepção contemporânea em leitura Freire

(1998, p. 47) entende que "[...] a leitura do mundo precede a leitura e escrita da palavra". O autor nos coloca que é impossível separar a palavra do pensamento; para ele, toda leitura da palavra leva a uma releitura do mundo e, daí, à escritura do mundo. Donde "entendo por escrever o mundo, transformá-lo" introduz como fator indispensável, tanto para a leitura como a compreensão da mesma, o já citado, significado, ou seja, o contexto. "A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto" (p.12).

A leitura, a compreensão e o contexto, em outras palavras, são o mesmo que abranger o homem e todas as suas manifestações lingüísticas, e que se pode observar, tanto por parte das abordagens cognitivas quanto das lingüísticas, embora devam ser fenômenos vistos sob um mesmo prisma, já que o lingüístico (palavra) e o cognitivo (pensamento, conhecimento) mantêm uma relação tal, muito bem descrito por Vygotsky (1988, p.108):

Para Vygotsky, a leitura nunca é mera decodificação mecânica. Nos momentos em que a decodificação dos signos está presente, a leitura vem impregnada de sentidos e predomina sobre o significado da palavra. As mudanças de sentido não atingem estabilidade do significado. Segundo Vygotsky, as palavras obtêm seu sentido no contexto do discurso; mudando o contexto, varia o sentido da palavra.

Aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de tudo, aprender a ler o mundo, compreender seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade.

Desta forma, tudo indica que a compreensão não se dá como um fruto da simples apreensão do significado literal das palavras e sentenças, mais compreender uma sentença ou texto exige mais do que situá-lo em seus contextos de ocorrência. Exige também uma contextualização cognitiva dependente da própria organização dos conhecimentos e das experiências pessoais.

2.2 Perspectivas históricas da escrita e da leitura

Historicamente a escrita data há cerca de 5.000 anos antes de Cristo, exatamente na Suméria. Os pastores vendiam ovelhas e compravam cereais. Aí as vendas foram aumentando, eles começaram a fazer anotações sobre os dados dos produtos comercializados. Então criaram um sistema que se baseava em contas: uma série de pedras de argila, de

diversas formas, com alguns desenhos, listras ou cruces. As pedras eram guardadas em caixas que precisavam de identificação.

Desta forma usavam esse sistema de anotação nas trocas e na contabilidade de impostos, “tornando-se o precursor da escrita, que nasceu na necessidade de as pessoas representarem quantidades e marcar objetos que se referiam às quantidades” Fernandes (2008, p. 8).

Segundo Fernandes (2008, p. 9), o sistema de escrita mais antigo, apresentavam sinais pictográficos (sinais baseados em desenhos, para representar coisas reais). Daí evoluiu para o sistema cuneiforme (em forma de cunha), cada palavra era representada por signos. Mais adiante por volta do ano 3.000 a.C. o sistema hieróglifo foi desenvolvido pelos egípcios. No entanto, o processo de difusão e adoção dos sistemas escritos pelas sociedades antigas se deu de forma lenta e sofreram influências de fatores político-econômicos, assim acontecia também com os códigos escritos comentados anteriormente.

Pode-se perceber então, que uma das causas principais para o aparecimento das civilizações modernas se dá pela escrita e devido a mesma houve o desenvolvimento do campo científico, tecnológico e psicossocial das sociedades que a adotaram de maneira ampla.

Atualmente, de acordo com Fernandes (2008, p. 10), os sistemas de escrita estão classificados em: logográfica – sistema em que os signos representam a palavra e não os sons; ideográfica – sistema em que os sinais representam diretamente uma idéia, usando imagem figurada dos objetos, isto é, sinais que não dependem da língua falada, pois sim dos conhecimentos culturais e do contexto; silábico – sistema em que cada sinal representa uma sílaba; alfabético – sistema em que cada letra corresponde a um som individual.

Com base nesses sistemas de escrita Fernandes (2008, p. 12) afirma que “as crianças no processo de aprendizagem da escrita, redescobrem a representação das ideias através de desenhos e figuras, e depois constroem o significado das letras combinadas em palavras, frases e textos para representar o mundo em que vivem. Trata-se de um largo caminho progressivo que se inicia pelos primeiros rabiscos de imitação e chega à combinação simbólica e arbitrária de sinais e significados, que abre as portas do mundo letrado”.

No entanto, para Teberosky e Ferreiro (1999, p.105) o sujeito da aprendizagem desenvolve o sistema de escrita alfabética desde muito cedo, pois com base em observações que realiza pode levantar hipóteses, consegue desenvolver concepções a cerca da realidade que o cerca e assim construir diversos saberes. Desta forma então, não é necessário que o mesmo seja submetido a um ensino sistemático para se tornar um indivíduo letrado.

Esta afirmação comprova-se segundo Piaget (1978 apud TEBEROSKY e

FERREIRO, 1999 p. 29), onde o sujeito da aprendizagem é aquele que procura ativamente compreender o mundo que o rodeia e trata de resolver as interrogações provocadas por estas.

A leitura é a base do processo de alfabetização e também da formação da cidadania, não é só um processo de decodificação de símbolos linguísticos, mas também de fato, interpretar e compreender o que se lê e é também um processo interativo.

Etimologicamente, ler deriva do latim "lego/legere", que significa recolher, apanhar, escolher, captar com os olhos. Nesta reflexão, enfatizamos a leitura da palavra escrita. No entanto, entendemos, com Luckesi (2003, p. 119) que "[...] a leitura, para atender o seu pleno sentido e significado, deve, intencionalmente, referir-se à realidade. Caso contrário, ela será um processo mecânico de decodificação de símbolos". Logo, todo o ser humano é capaz de ler e lê efetivamente.

O objetivo maior ao proceder à leitura de um determinado gênero textual consiste em "[...] aprender, entender e reter o que está lendo." (MAGRO, 1979, p. 09). Por conseguinte, inquestionavelmente, a leitura é uma prática que requer aprendizagem para tal e, sem sombra de dúvida, uma atividade ainda pouco desenvolvida. Neste particular, Salomon (2004, p. 54) enfatiza que "a leitura não é simplesmente o ato de ler. É uma questão de hábito ou aprendizagem [...]". Além do incentivo e à promoção de espaços permanentes de leitura é preciso criar o prazer para este ofício.

Ressalta-se que a leitura e a escrita são processos muito complexos e as dificuldades podem ocorrer de maneiras diversas, além disso, temos a aquisição da leitura e da escrita como fator fundamental a favorecer conhecimentos futuros, é a estrutura mestra onde serão alicerçadas as demais aquisições. É apoio para as relações interpessoais e para a comunicação e leitura de seu mundo interno e externo. Para Charmeux (2000, p. 13) "o domínio da leitura tem uma importância completamente diversa da que tinha há mais de cinquenta anos, ao mesmo tempo maior e muito e muito diferente".

Definir leitura e escrita não é uma tarefa fácil, pois ambas são complexas e abrangentes. Os sentidos que podem ser atribuída às ideias leitura e escrita podem ser restritos ou amplos e está vinculada diretamente a alfabetização, adquirindo aí caráter de aprendizagem formal

2.3 Definição de Alfabetização e Letramento

A invenção da escrita surgiu da necessidade dos homens se comunicarem uns com os outros. Mas a criação de um sistema de escrita levou junto a preocupação em decifrar e entender o código. A essa decifração e leitura é que chamamos de alfabetização. Assim, a alfabetização nasceu junto com a invenção da escrita. Não adiantaria criar símbolos para registrar ou comunicar algo, era necessário ensinar como decifrar esses símbolos.

Na antiguidade, as pessoas aprendiam a decodificar esses códigos de uma forma natural, não era necessário ir à escola para aprendê-lo. Segundo Cagliari (1998: p. 15) nessa época, a alfabetização não era ainda tarefa da escola. Quem sabia ler ensinava os outros. As crianças eram instruídas pelos pais ou por alguém que era contratado pela família para atender a essa tarefa. Após a transição da economia agrária para o urbano industrial, em especial no surgimento das indústrias, a aprendizagem da leitura e da escrita tomou outras perspectivas. O uso da escrita na sociedade cresceu consideravelmente com a produção de livros com a invenção das máquinas. Após a revolução Industrial e Francesa a alfabetização se tornou algo essencial para a vida do homem. Além disso, era necessário alfabetizar os operários e seus filhos para terem mão de obra qualificada.

Nesse sentido, Nucci (2001: p. 49) ressalta que “com as mudanças políticas, sociais e econômicas, decorrentes das revoluções Industrial e Francesa, as pessoas começaram a sentir cada vez mais o poder da comunicação por meio da palavra escrita”.

A alfabetização então foi assumida como um processo complexo e multidimensional. Deixou de ser apenas o domínio da leitura e da escrita, para mostrar o papel que a escrita tem enquanto prática social, ou seja, compreender a necessidade da leitura e da escrita no mundo social. era seguir um conceito de alfabetização mais amplo.

Seguindo essa nova perspectiva Nilharezi (1987, p. 5), define “entende-se alfabetização como um fator de mudança de comportamento diante do universo, que possibilita ao homem integrar-se à sociedade de forma crítica e dinâmica, constitui uma das formas de promover o homem, tanto do ponto de vista social como individual”.

Então a alfabetização tornou-se um tema cada vez mais pertinente nos debates na área da pesquisa educacional, considerada como um objeto de estudo complexo, porém de grande interesse, tendo em vista a intensa necessidade de melhorias na prática de alfabetização, superação do fracasso escolar nos primeiros anos de escolarização e da necessidade de compreensão sobre o processo de aquisição da língua escrita.

Para compreensão do conceito de alfabetização, torna-se necessário conhecermos o significado do termo citado, para subsidiar discurso, nos aproximando de uma definição consistente. Segundo o Aurélio (2003, p.37), alfabetização é a ação de alfabetizar, e o verbo em destaque significa ensinar a ler, dar instrução primária. Na definição ora citada, entendemos a alfabetização como uma instrução inicial, básica, de aquisição do código alfabético, que indica a ação de ensinar a ler e escrever. Contudo, o conceito foi ultrapassado, não sendo definido apenas como codificação e decodificação do código alfabético.

Sob uma visão mais ampla, referentes ao conceito de alfabetização, Soares (2008, p. 15), apresenta como ponto inicial, o conceito em sentido próprio, específico de alfabetização como: “[...] processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita [...]”. Contudo, afirma que é preciso diferenciar um processo de aquisição da língua, de um processo de desenvolvimento da escrita e define a alfabetização, como um fenômeno de natureza complexa e multifacetada.

Alfabetização, conforme a autora pode ser entendida como a representação de grafemas em fonemas e de fonemas em grafemas e como um processo de compreensão/expressão de significados, não se limitando a esses dois conceitos. Porém, estabelece igual importância para o aspecto social da alfabetização, e neste sentido, o conceito depende de características culturais, econômicas e tecnológicas.

Tomando como base tais conceitos, entende-se a alfabetização como um processo de aquisição de habilidades específicas necessárias à compreensão e interpretação da linguagem escrita, esta, constitui-se como um sistema de representação da linguagem.

Para Tfouni (2006, p. 14), o conceito de alfabetização, ainda leva em consideração dois aspectos para o seu entendimento “[...] como um processo de aquisição individual de habilidades requeridas para a leitura e escrita, ou como um processo de representação de objetos diversos, de naturezas diversas” Segundo a mesma, em relação à alfabetização como aquisição individual, refere-se à aquisição de habilidades específicas de leitura e escrita, necessárias para a interação nas diversas práticas sociais as quais estão envolvidos. Como um processo de representação de objetos diversos, refere-se concepção diz respeito ao processo de representação construído pela criança durante a aquisição da linguagem, em que a escrita não é concebida como uma simples correspondência entre som-grafema, mas é constituída como sistemas de representações da língua escrita. Utilizando-se de uma discussão ideológica, afirma que a alfabetização está reduzida aos objetivos de escolarização, porém afirma que esta passa por outras variáveis para além da codificação e decodificação, até a consideração de que este é um processo não linear e de natureza

complexa.

No entanto, para alguns teóricos a alfabetização não é considerada apenas como um processo de aquisição de linguagem, também enfatizam que devem ser considerados aí os aspectos político e social. Para Kramer:

[...] alfabetizar-se é conhecer o mundo, comunicando-se e expressando-se
 [...] alfabetizar não se restringe a decodificação e à aplicação de rituais
 repetitivos de escrita, leitura e cálculo [...] (KRAMER, 2006, p. 98).

Na concepção da autora, a alfabetização ultrapassa a concepção mecanicista de decifrar o código alfabético, possibilitando a participação efetiva dos sujeitos, na construção do conhecimento sobre o mundo.

Partindo daí, Freire (2008, p.20) apresenta uma visão crítica sobre o processo de alfabetização, “a leitura de mundo, sempre precede a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”. Dessa forma, ressalta-se o valor social da função da alfabetização na vida do indivíduo e destaca a educação como meio de transformação social. A visão crítica do sujeito pode ser iniciada através do conhecimento construído pelo processo de alfabetização, os aspectos sociais estão implicados no processo de alfabetização envolvendo a aprendizagem da leitura e escrita.

Surge assim, o conceito de letramento. De acordo com Nucci (2001, p. 55, Apud. SOARES, 1998, p.39), o termo letramento “é o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita; o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais.” Em outras palavras, o letramento significa promover atividades contextualizadas de forma que o aluno experimente situações diversificadas. É pertinente salientar que o professor reflexivo, alfabetiza letrando, pois consiste em um processo que ocorre concomitantemente, ou seja, são dois processos diferentes, porém, indissociáveis, um não precede o outro, ambos caminham simultaneamente.

A palavra letramento surgiu pela primeira vez na década de 80 por Mary Kato em seu livro de 1986 (No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística, Editora Ática). Esta palavra ainda não foi dicionarizada, seu significado atual veio da versão inglesa da palavra “literacy” originária do latim “littera” (letra) com o acréscimo do sufixo “cy” que denota qualidade, fato de ser, condição e estado.

Portanto, para Soares (2006, p. 39) “letramento é o resultado da ação de letrar-se”, é o estado ou condição que o indivíduo passa a ter no momento que se envolve nas práticas sociais de leitura e escrita.

Segundo Tfouni (2006, p. 09) letramento é definido como:

“... o confronto com a alfabetização e reafirma: enquanto a alfabetização ocupa-se da aquisição da escrita por um indivíduo, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade”.

Já Soares (2006, p.19), define letramento “como resultado da ação de ensinar ou aprender a ler e escrever”. Sendo assim, letramento são as conseqüências sociais e históricas da introdução da escrita em uma sociedade como resultado de aprender a ler e escrever. Segundo Soares (2006, p.20) a palavra letramento começa a ser usada a partir do momento em que o conceito de alfabetização tornou-se insatisfatório. Não basta mais saber ler e escrever tão somente, é preciso saber fazer uso da leitura e da escrita.

O sentido ampliado da alfabetização, o letramento, de acordo com Soares (2006, p.58-59), designa práticas de leitura e escrita, que circulam na sociedade em que vivem: ler jornais, revistas, livros, saber ler e interpretar tabelas, quadros, formulários, sua carteira de trabalho, suas contas de água, luz, telefone, saber escrever e escrever cartas, bilhetes, telegramas sem dificuldade, saber preencher um formulário, redigir um ofício, um requerimento, etc.

Sendo assim, a alfabetização e o letramento estão indissolivelmente e inevitavelmente ligados entre si. Para Tfouni (2006, p. 9) “inicialmente a relação entre eles é aquela do produto e do processo: enquanto os sistemas de escrita são produtos da cultural, a alfabetização e o letramento são processos de aquisição de um sistema escrito”.

A autora diz ainda que alfabetização refere-se à aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades para leitura, escrita e as chamadas práticas de linguagem. A alfabetização pertence ao âmbito individual. O letramento continua a autora, por sua vez, focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita, procura estudar e descrever o que ocorre nas sociedades quando adotam um sistema de maneira restrita ou generalizada.

A entrada da pessoa no mundo da escrita se dá pela aprendizagem de toda a complexa tecnologia envolvida no aprendizado do ato de ler e escrever. Além disso, o aluno

precisa saber fazer uso e envolver-se nas atividades de leitura e escrita. Ou seja, para entrar nesse universo do letramento, ele precisa apropriar-se deste hábito. A alfabetização e o letramento se somam, são complementos. Enquanto que "alfabetizar significa orientar a criança para o domínio da tecnologia da escrita, letrar significa levá-la ao exercício das práticas sociais de leitura e de escrita" (SOARES, 2006, p. 39).

2.4 Concepções dos professores a respeito do letramento

O sujeito letrado e alfabetizado é, de fato mais poderoso do que o sujeito letrado não alfabetizado.

Leda Tfouni

O nosso desafio de alfabetizar e letrar na escola é conseguir que as crianças leiam e escrevam de forma espontânea, criativa, construtiva e que possam inserir-se no universo da cultura escrita.

Para nos alfabetizar e letrar é antes de qualquer coisa, provocar e despertar nas crianças o desejo e o prazer de ler e escrever, inserindo-as de forma lúcida no mundo da leitura, pois considerar-se que a alfabetização é um fenômeno social, político e histórico e envolve a linguística, a pedagogia, a psicologia e a antropologia.

Uma pessoa é funcionalmente alfabetizada quando ela adquire conhecimentos e habilidades em leitura e escrita que a capacitem a engajar-se efetivamente em todas as atividades nas quais a alfabetização é normalmente suposta em sua cultura ou grupo (Unesco Apud NUNES e BRYANT, 1997, p. 18)

Nos últimos trinta anos estivemos refinando nossas concepções de alfabetização e passamos a utilizar um novo conceito: o de letramento. Segundo o Dicionário Houaiss (2001) letramento é um "conjunto de práticas que notam a capacidade de uso e diferentes tipos de material escrito". Como apontado por Soares (1998a), o termo letramento é a versão para o português da palavra de língua inglesa literacy, que significa o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. É importante destacar que a palavra literacy designa todo o complexo processo de alfabetização. No Brasil, no entanto, o termo letramento não substitui a palavra alfabetização, mas aparece associada a ela.

A escola nas sociedades contemporâneas representa a instituição responsável por

promover oficialmente o letramento. No entanto, pesquisas têm apontado para o fato de as práticas de letramento nas escolas serem bem diferenciadas daquelas que ocorrem em contextos exteriores a ela. Esse distanciamento pode ocorrer devido a própria natureza, à função e a organização dessa instituição. Como enfatiza Soares(1998 p. 84-85).

O sistema escolar estratifica e codifica o conhecimento, selecionando e dividindo em “partes” o que deve ser aprendido, planejando em quantos períodos (bimestre, semestre, séries, graus) e em que seqüência deve se dar esse aprendizado, e avaliando, periodicamente, em momentos pré-determinados, se cada parte foi suficientemente aprendida.

Ainda segundo SOARES (1998, p.86), na escola o fenômeno complexo é multifacetado do letramento é reduzido àquelas habilidades de leitura e escrita e aqueles usos sociais que os textos avaliam e medem.

Apesar de termos vivido um amplo debate, nas duas últimas décadas, sobre o ensino aprendizagem da língua escrita observamos que em muitas escolas – públicas e particulares do nosso país ainda se continua praticando um ensino de alfabetização limitado a cartilhas e “métodos”. Tal como apontou MOURA; MORAIS (2001), mesmo trazendo para a sala de aula textos de circulação social (notícias, letras de músicas, textos literários, etc.), muitos professores continuam praticando um ensino do sistema de escrita baseado no tradicional “método silábico” de alfabetização. Muitas vezes cria-se uma evidente contradição: lêem-se e escrevem-se textos interessantes, mas o ensino da escrita alfabética não muda. Os professores desejam que o aluno seja “sujeito” de sua aprendizagem, que ele aprenda, refletindo e construindo sua compreensão, mas propõem no dia a dia tarefas essencialmente mecânicas como a cópia e a junção de sílabas.

Se observarmos o que a maioria das atuais propostas curriculares prescrevem como orientação para o ensino de alfabetização em nosso país, constatamos que apesar de pequenas variações, aqueles documentos comungam quanto a uma concepção geral sobre a aquisição da leitura e da escrita.

Nas práticas das salas de aula muitos de nós continuamos enfrentando com dificuldade esta equação: como praticar uma alfabetização na perspectiva de letramento, sem tratar equivocadamente a escrita alfabética como um “código” tal como fazem os métodos silábicos das velhas cartilhas? Como conciliar o aprendizado dos diferentes gêneros textuais escritos com a efetiva apropriação da escrita alfabética?

É fato que por trás de qualquer prática pedagógica há sempre uma resposta ao como se aprende e como ensinamos. Na realidade a prática pedagógica é fruto de uma

concepção sobre o que é aprendizagem é o que ensinar.

Dessa forma, entender a intervenção didática significa situar a sala de aula como microsistema visto de forma dinâmica e conectada com o planejamento, a ação e avaliação do processo didático. A análise da prática educativa servirá de alicerce para o sucesso da intervenção pedagógica que vai mostrar a eficácia do ensino e da aprendizagem, sobretudo quando a professora assume o compromisso de realizar com competência o seu ofício, visando atingir os objetivos didáticos e compreendendo como as aprendizagens se produzem.

Todavia deve-se ressaltar que o conhecimento leva a enxergar que, para que de fato ocorra uma aprendizagem significativa, um conjunto de ações e esforços é necessário para que isso venha a ser alcançado.

É fato, de que são muitos os desafios e as especificidades no ensino da leitura e da escrita, mas o nosso alvo é alfabetizar e letrar, e alfabetizar e letrar não se encontra nos livros didáticos, mas sim no saber da professora, na sua competência de alfabetizar.

Sabe-se hoje que o desenvolvimento da capacidade de ler depende em grande parte do sentido que a leitura tem para as pessoas. Sabe-se também que o domínio e habilidade de leitura são condições essenciais para enfrentar as exigências do mundo contemporâneo que aponta para uma sociedade de informação onde poucos detêm o poder de se informar.

Segundo Ferreira (2001, P. 43) a leitura e a escrita têm sido tradicionalmente consideradas como objeto de uma instrução sistemática, como algo que deve ser ensinado “e cuja aprendizagem” suporia o exercício de uma série de habilidades específicas. Ainda segundo a autora a escrita não é um produto escolar, mas sim um objeto cultural, resultado do esforço coletivo da humanidade e como objeto cultural, a escrita cumpre diversas funções sociais e tem meios concretos de existência, especialmente nas concentrações urbanas.

Dessa forma faz-se necessário enfatizar que a leitura é algo complexo, no entanto de fundamental importância para a vida das pessoas e, está presente na maioria das nossas atividades cotidianas, pois dela necessitamos para dar conta de parte de nossas ações. No mundo atual o desafio da escola é para que os alunos dominem as informações através da leitura, que estejam preparados para enfrentar a sociedade futura. Portanto, os desafios que se colocam para a escola, espaço privilegiado de desenvolvimento da competência para ler e escrever não são poucos, pois todas as evidências têm mostrado que essas competências não dependem do acesso a certas práticas convencionais de ensino da língua, mas a experiência significativa de utilização da escrita no contexto escolar, tanto em situações de leitura como de produção de textos.

[...] é muito o que a escola pode fazer para ajudar as crianças especialmente aquelas cujo pais, analfabetos ou semi-analfabetos, não possam transmitir-lhes um conhecimento que eles mesmos não possuem.(FERREIRO,2001, P.60)

Para Ferreiro o professor é quem pode minorar esta carência de suas próprias convicções: as de um adulto já alfabetizado. Para ser eficaz, terá que adaptar seu ponto de vista ao da criança. Tarefa nada fácil, já que poderia parecer impossível reconstruir introspectivamente o estado de analfabetismo pelo qual todos já passamos.

Assim, formar leitores é algo que requer condições favoráveis, não só em relação aos recursos materiais disponíveis, mas principalmente em relação ao uso que se faz deles nas práticas pedagógicas concernente à leitura e a alfabetização não somente como responsabilidade social, com políticas públicas voltadas para a proficiência da leitura como mola propulsora do exercício da cidadania.

Dessa forma fica claro que para enfrentar as mudanças necessárias sobre bases novas a alfabetização inicial não se resolve, nem com novos materiais didáticos (particularmente novos livros de leitura). É preciso mudar os pontos por onde nós fazemos passar o eixo central das nossas discussões.

Após um trabalho consistente e, efetivo, embasado nos pilares éticos, estéticos e acadêmicos o processo de alfabetização e letramento serão alcançados paulatinamente.

Dessa maneira a alfabetização e a leitura vão servir não somente como mecanismo de aquisição do conhecimento socialmente elaborado, mas como um instrumento vivo e eficaz, que serve como potencialização e exercício da cidadania e que deve estar a serviço de todas as crianças.

2.5 Alfabetizar e letrar simultaneamente

Segundo Almeida(2009) há uma certeza na escola: a de que o maior problema da educação hoje é justamente a dificuldade, ou as dificuldades, em relação à leitura e a escrita em crianças em idade escolar no ensino fundamental. Tal percepção se deve ao fato de que, se não for pelas ferramentas que a leitura e escrita outras ferramentas poderíamos usar sua tentativa de formar cidadãos participantes e atuantes em uma sociedade?

A resposta, obviamente, poderia ser o que chamamos de educação não formal, ou seja, a educação que é realizada pelos partidos políticos, pelas igrejas, pelas comunidades organizadas em bairros, pelas associações corporativas dentre outros. No entanto, sabemos que nunca a leitura e a escrita foram tão importantes para um indivíduo participar efetivamente de uma sociedade.

Todos os professores são favoráveis às políticas escolares que se fundamentam na leitura e na escrita e as apresentam como seus maiores desafios e, portanto, os alunos como seus maiores recebedores de atrição, pois sabemos que sem estas duas condições, a escola passa a ser cada vez mais difícil e mais complicada para ser um ambiente onde o aluno que apresenta dificuldade possa estar. Desta forma, fica cada vez mais clara a necessidade de trabalharmos para que as crianças, todas elas, com ou sem causa orgânica associada as suas dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita, possam a partir de um método, atingir o mínimo que um aluno necessita para buscar espaço em uma sociedade tão letrada. (Almeida 2009 p.15)

A língua é um sistema que se estrutura no uso e para o uso, escrito e falado, sempre contextualizado. No entanto a condição básica para o uso escrito da língua, que é a apropriação do sistema alfabético, envolve da parte dos alunos, aprendizados muito específico independentes do contexto de uso, relativos, aos componentes do sistema fonológico da língua e as suas inter-relações. Explicando e exemplificando: as relações entre consoantes e vogais, na fala e na escrita, permanecem as mesmas, independentemente do gênero textual em que aparecem e da esfera social em que circule; numa piada ou nos autos de um processo jurídico, as consoantes e vogais são as mesmas e se inter-relacionam segundo as mesmas regras.

O estágio atual dos questionamentos e dilemas no campo da educação nos impõe a necessidade de firmar posições consistentes, evitando polarização e reducionismo nas práticas de alfabetização.

Mesmo com todos esses estudos disponíveis, ainda é um desafio o processo de ensino/ aprendizagem da leitura e escrita. Alfabetizar e letrar não se esgotam num tipo de conduta metodológica, nem em materiais pedagógicos, nem em livro didático, nem apenas num ambiente alfabetizador. É preciso ter um método, uma proposta pedagógica fundamentada numa teoria sólida para se produzir uma ação didática de qualidade.

Soares (2003 a) ressalta que durante décadas cada escola ou professora, utilizava um método para alfabetizar. Geralmente os métodos tradicionais sintéticos ou analíticos como o silábico, o fônico, a palavração, o global ou ainda o eclético.

No final da década de 80, haverá uma rejeição aos métodos, em contraposição aos equívocos de uma nova concepção do processo de alfabetização. Saímos de um processo de alfabetização centrado apenas num método, e sem fundamentação teórica, para a apropriação de uma teoria sem método nenhum.

A ideia de adotar um método tornou-se estereotipada. Significava seguir os métodos tradicionais como se esses métodos esgotassem todas as possibilidades. Em resumo, adotar um método passou a ser visto, erroneamente, no meio escolar, como coisa ultrapassada e que não combinava com a proposta construtivista.

Como afirmou Magda Soares os mal-entendidos do referencial construtivista levaram à vários equívocos no ensino da leitura e da escrita e conseqüentemente atingiram as questões dos métodos de alfabetização.

Dessa forma, a lucidez das reflexões de Magda Soares nos fez também ponderar sobre o nosso receio da palavra método e nos liberou desse temor.

É preciso não ter medo do método diante do assustador fracasso escolar, na área da alfabetização, e considerando as condições atuais de formação do professor alfabetizador, em nosso país, estamos, sim, em busca de um método, tenhamos a coragem de afirmá-lo (Soares, 2003, p. 95).

Em suma, todos os métodos, por mais estapafúrdios que pareçam, dão certo com alguma criança, mas nem um deles é eficaz com todas.

Segundo Smith, as condições para aprender a ler são: “ a disponibilidade de material interessante que faça sentido para o aluno; a orientação de um leitor mais experiente é compreensivo como guia” (SMITH, 1999, p. 12).

Smith (1999) lembra ainda que o problema do professor não é a falta de conselhos, pois há sempre uma autoridade para garantir que o método A é melhor que o B. afirma ainda o autor que cabe ao professor tomar decisões, lembrando-se de que embora todos os métodos de ensino de leitura possam ter algum sucesso com algumas crianças, infelizmente nenhum deles tem sucesso com todas. Para colher bons resultados na alfabetização são necessários ensinar as relações letras-sons de forma sistemática, mas sem rigidez, evitando que o ensino fique excessivamente centrado na decodificação.

Para a professora, seja qual for o método escolhido, o conhecimento das suas bases teóricas é condição essencial, importantíssima, mas não suficiente. A boa aplicação técnica de um método exige prática, tempo e atenção para observar as reações das crianças, registrar os resultados, ver o que acontece no dia a dia e procurar solução para os problemas

dos alunos que não acompanham.

2.6 Práticas inovadoras que combatem a deficiência de letramento

A partir dos conceitos que se tem hoje sobre letramento e alfabetização, podemos afirmar que essas duas práticas distanciaram-se e muito do que até bem pouco tempo entendíamos sobre o que significava “estar alfabetizado”.

O maior desafio que o professor das séries iniciais enfrenta hoje é o de alfabetizar letrando, pois é ele que carrega a responsabilidade de conseguir fazer que esse aluno entre nas séries finais lendo e escrevendo de forma espontânea, criativa e construtiva e que possa a partir daí ser inserido no universo da cultura escrita.

O mundo hoje vislumbra a necessidade de novas formas de alfabetização tais como: a gráfica literária, informática, científica etc, portanto entendemos que alfabetizar e letrar nas

séries iniciais são antes de tudo provocar e despertar nas crianças o desejo e o prazer de ler e escrever e isso exige do professor vontade, desejo e competência, mas por outro lado precisamos nos conscientizar de que a escola não pode abraçar sozinha a responsabilidade de alfabetizar e letrar como afirmam Torres e Ferreiro:

Não acredito que possamos atribuir a escola toda a responsabilidade de formar o cidadão alfabetizado de que se necessita: leitor crítico, leitor versátil, escritor criativo, escritor competente. A tarefa alfabetizadora ultrapassa, e muito, a escola (TORRES apud FERREIRO, 2003, p. 128).

Todavia deve se ressaltar que a condição de sujeito letrado se constrói nas experiências culturais com práticas de leitura e escrita que não se esgotam no ambiente escolar. Na maioria das vezes esta até mais presente no universo extra-escolar, pois somos testemunhas que as crianças desde cedo escutam histórias, brincam de ler e escrever e adquirem conhecimentos sobre a língua escrita usando diferentes gêneros textuais. Disso deriva uma implicação pedagógica fundamental: para reduzir às diferenças sociais a escala assegura a todos os alunos diariamente a vivência de práticas reais de leitura e produção de textos diversificados, mas infelizmente o letramento, como a apropriação da prática social da leitura e escrita dos alunos é desprezado.

Temos hoje em diversos países, estudos comprovando que alunos que desde cedo escutam histórias através da leitura do professor ou de outras pessoas alfabetizadas (quando ainda não dominam o sistema de escrita alfabética), adquirem um conhecimento sobre a língua que se escreve e sobre os usos dos diferentes gêneros textuais antes mesmo de estarem alfabetizados (TEBEROSKY, 1995). É esse conhecimento que a escola precisa promover e que muitos ainda não priorizam, porque queriam ou não, continuam reduzindo a noção de alfabetização ao aprendizado dos sistemas de escrita alfabética e não temos dúvidas hoje de que devemos conceber a alfabetização e o letramento como dois processos diferentes, porém simultâneos e indissociáveis como afirma Soares (2003, p.12):

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita... Não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: a alfabetização se desenvolve no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez só pode desenvolver-se no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização.

Assim ao lado do letramento, o processo de alfabetização tem as suas especificidades de aprendizagem e deve ser trabalhado separadamente. Defendemos, pois, a especificidades do ensino e aprendizagem da língua escrita sem dissociá-la do processo de letramento e as especificidade do ensino e aprendizagem do letramento sem dissociá-lo da alfabetização.

Hoje não temos dúvida de que devemos conceber a alfabetização e o letramento como dois processos diferentes, porém simultâneos e indissociáveis.

Assim como o processo de alfabetização, o processo de letramento ou cultura escrita não acontece de modo espontâneo. Exige a mediação com intencionalidade pedagógica da professora como, por exemplo: proporcionar a interação constante e significativa das crianças com os diferentes suportes de leitura e escrita.

Enfim, a finalidade do letramento na escola é possibilitar que as crianças mergulhem nos atos de ler e escrever e produzam textos com sentido e significado. Para tanto é preciso que o professor, como mediadora de modo intencional insira a criança na cultura letrada.

Alfabetizar, na perspectiva de letramento, significa vivenciar com as crianças práticas de leitura e escrita e instrumentalizadas para que estejam aptas ao uso das múltiplas linguagens em situações diversas além de inseri-las no mundo da cultura escrita de um ambiente estimulante na biblioteca, além de ler, contar e dramatizar muitas histórias, deve-se

ampliar o seu universo nas artes plásticas, na música, na dança, pois a noção plural de letramento não exclui a necessidade pedagógica das noções convencionais da alfabetização, da codificação/decodificação, para uma maior autonomia do escritor/leitor.

Enfim, a criança aprende a ler e escrever com melhor qualidade, letrando-se e alfabetizando-se num ambiente, “vivo” que lhe permita ler o mundo com sentimento, com criação, tendo como mediadora uma professora que compreende a indissociabilidade e a especificidade da alfabetização e do letramento, ou seja, que consegue alfabetizar e letrar.

Assim, precisamos rever o ensino da leitura e escrita para formar leitores e escritores competentes, letrados e alfabetizados.

CAPÍTULO III

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo aborda a análise e interpretação dos dados obtidos no decorrer da pesquisa tecendo reflexões críticas a cerca dos processos de alfabetização e letramento como duas práticas que se completam. Assim, pretende-se refletir sobre a prática destes processos, bem como a metodologia e materiais usados para promover o processo de alfabetizar letrando os alunos de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental da Escola X. Para a realização destas eventuais interpretações coletaram-se dados através de questionários e de observações em sala de aula. Deste modo para a concretização desta etapa, confrontaram-se as informações coletadas durante a investigação com a literatura bibliográfica usada nesta pesquisa; havendo uma reflexão crítica sobre a prática das professoras colaboradoras, assim como das respostas evidenciadas no questionário que visava atingir a compreensão das mesmas sobre alfabetização e letramento.

O passo inicial desta coleta foi a realização de observações das práticas docentes e se acontecia os processos de alfabetização e letramento . Diante das observações realizadas em sala de aula, percebeu-se que a maioria das professoras não apresenta um conhecimento claro e preciso sobre a alfabetização e o Letramento, pois as suas práticas são aplicadas de forma evasiva e descontextualizada da realidade dos discentes, que por sua vez se mostraram desinteressados e dispersos, ou seja, a alfabetização não ocorre com significação. As atividades de leitura e de escrita se restringiam a realização de atividades no livro e no caderno. Entretanto, os alunos demonstravam em sua maioria o domínio da leitura e da escrita, embora fosse de forma mecanizada.

Das salas observadas, três tinham um número considerável de alunos equivalendo a noventa crianças. Nestas, as professoras demonstraram-se pacientes e solícitas para com os alunos, porém alguns se mostravam indisciplinados, faziam brincadeiras inadequadas a todo o momento provocando a dispersão dos outros e tumultuando a aula. Além das atividades de rotina as professoras faziam junto com os alunos atividades no livro e em seguida as corrigiam. Isso se transcorreu durante duas horas porque às duas horas seguintes seriam aplicadas outras disciplina Já em duas salas a quantidade de alunos era reduzida, no entanto, tinham o acompanhamento de duas professoras, as quais ministravam disciplinas diferentes,

ou seja, cada qual se responsabilizava em lecionar uma ou duas matérias conforme o estipulado no cronograma. A observação neste caso se deu em um período mais prolongado devido à imprecisão em que ocorre a disciplina de Português, na qual seria possível observar a prática da leitura e escrita. Assim, como nas outras salas o período de execução das observações foi de 2 horas por sala. No entanto, observou-se que dentre as professoras, uma se mostrava estressada e gritava com os alunos ameaçando-os caso não se comportassem. Nestas também, tinha uma rotina a seguir, na seqüência, era apresentado um texto na folha ou no livro seguido de uma breve explicação oral sobre o mesmo. Logo após eram realizadas atividades escritas no livro, no caderno ou nas folhas. Em todas as observações o processo de leitura e escrita acontece dessa forma. Depois destas observações foram entregues os questionários, para serem devolvidos no dia seguinte assim às mesmas responderiam com tranquilidade.

A seguir os resultados e a análise dos dados diante do período de observações e aplicação dos questionários foram divididos em categorias para facilitar a análise.

3.1 Conhecimento e informação sobre alfabetização e letramento

Entendendo a função do professor, de qualquer nível de escolaridade, o professor precisa, em primeiro lugar, ser ele mesmo letrado na sua área de conhecimento, precisa dominar a produção escrita de sua área, as ferramentas de busca de informação. Isso se refere mais particularmente à formação que o professor deve ter no conteúdo da área de conhecimento que eleger. Mas é preciso, para completar uma formação que o torne capaz de alfabetizar e letrar seus alunos, que conheça os processo de alfabetização e letramento, que reconheça as características e peculiaridades dos mesmos.

Dessa forma, espera-se que pessoas com um nível de formação na área, possam conhecê-lo sem titubear. Assim quando questionadas a esse respeito, encontramos as seguintes respostas.

Você considera importante que o professor em sua prática tenha conhecimentos teóricos sobre alfabetização e letramento? O que você sabe sobre esses processos?

| Colaboradoras | Conhecimento e informação sobre alfabetização e letramento |
|---------------|--|
| A | Sim, são leituras direcionadas pelo professor e se usa a contextualização. |
| B | Sim, porque é tarefa do professor desenvolver a competência e a habilidade da leitura e da escrita na perspectiva de uso social e não apenas de decodificação de palavras. |
| C | Sim, porque as técnicas do letramento podem ajudar bastante no desenvolvimento das atividades, tais como leitura e escrita. |
| D | Sim, porque ele desenvolverá o seu trabalho proporcionando a formação de leitores críticos. |
| E | Sim, porque o professor deve estar preparado para trabalhar com alunos com dificuldade de leitura e escrita em todas as séries iniciais. |

Tabela 02: Conhecimento e informação sobre alfabetização e letramento

Fonte: Elaboração própria

A prática pedagógica é a ação realizada pelo docente no ambiente educativo, tendo como principal interesse desenvolver a aprendizagem dos alunos, através de estratégias que viabilizem o trabalho em sala de aula, orientado por diversos saberes, habilidades e competências, relacionados ao trabalho docente.

Diante das colocações descritas na tabela acima, verificou-se que algumas professoras conseguem definir os processos de alfabetização e letramento inicialmente, de modo generalizado, conforme diz Soares (2008, p. 15) “[...] processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita [...]”. Como podemos observar nas falas das professoras A e D, a leitura e a escrita são habilidades para a aquisição de códigos lingüísticos e isto se dá nestes processos aqui estudados.

Conforme a resposta da professora B o seu conhecimento a respeito de alfabetização e letramento enquadra-se na definição de Soares (2006, p. 39), “alfabetizar significa orientar a criança para o domínio da tecnologia da escrita, letrar significa levá-la ao exercício das práticas sociais de leitura e de escrita”. De acordo com esta e outras concepções das diversas bases teóricas utilizadas nesta pesquisa, constata-se que esta professora possui um conhecimento amplo a cerca das informações sobre os processos explicitados no estudo.

No entanto, nas respostas das demais docentes não se percebe explicitamente os conhecimentos teóricos que possuem a cerca da temática abordada, contudo, conseguem

exprimir de forma simbólica a importância das contribuições da alfabetização e do letramento para o desenvolvimento da leitura e da escrita.

Assim sendo, compreendemos que as concepções de alfabetização de letramento desse grupo de professoras, apresentam-se como suporte para o desenvolvimento da prática pedagógica, mesmo não estando claro em seus depoimentos, diferenciam-se desde a concepção mecanicista, através da preocupação na aplicação da alfabetização como um processo de construção da representação da linguagem escrita, até ao desenvolvimento de práticas de letramento.

Consideramos, portanto, a relevância da reflexão sobre as concepções apresentadas, reconhecendo que a prática das professoras estão respaldadas por aspectos teóricos que embora estejam subjacentes, mas que são consideradas no desenvolvimento da prática pedagógica das professoras pesquisadas, considerando o momento de reflexão e as narrativas das interlocutoras da nossa pesquisa.

3.2 Metodologias usadas para desenvolver o trabalho de alfabetização e letramento

O resultado da aplicação de um método vai depender muito da competência do professor em organizar sua aula sempre usando os mesmos padrões de introdução de desenvolvimento e conclusão.

Portanto para que o professor desenvolva o trabalho de alfabetização e letramento de forma eficaz, é necessário que tenha conhecimento de metodologias adequadas para este fim. Na tabela a seguir vejamos o que as professoras falam quando questionadas sobre as metodologias usadas nestes processos.

Em sua opinião as metodologias usadas para desenvolver o processo de alfabetização e letramento são adequadas á realidade de seus alunos?

| Colaboradoras | Metodologias usadas para desenvolver o trabalho de alfabetização e letramento |
|---------------|---|
| A | Sim, eles estão frequentemente participando de atividades sobre este tema, através de ditados jogos etc. |
| B | Sim, oportunizo o uso de diversos gêneros textuais como ponto significativo no desenvolvimento de habilidades leitoras e escritora. |
| C | Sim, porque procuro sempre adequar as metodologias à realidade da turma. |
| D | Não, porque os docentes utilizam metodologias que estão distantes da realidade do aluno. |
| E | Sim, apesar das dificuldades consigo um bom aproveitamento qualitativo e quantitativo. |

Tabela 3: Metodologias usadas para desenvolver o trabalho de alfabetização e letramento

Fonte: Elaboração própria

Percebe-se na fala das professoras, que nenhuma citou explicitamente as metodologias usadas no desenvolvimento de habilidades necessárias aos alunos, também utilizando as informações coletadas na observação, pôde-se perceber que nenhuma das professoras apresenta um conhecimento claro do que de fato seria esta metodologia, motivo este que provavelmente não as levou a citá-la, mas que podem em algumas situações espontaneamente fazer parte de suas práticas.

Dessa forma seguindo o conceito dos Parâmetros Curriculares “o letramento é entendido como produto da participação em práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e tecnologia [...]. são práticas discursivas que precisam da escrita para torná-la significativas, ainda que às vezes não envolvam as atividades específicas de ler ou escrever”. (PCN’S, 1997 p.).

3.3 Condições para o desenvolvimento do trabalho de alfabetização e letramento.

O desafio de alfabetizar e letrar na escola é conseguir que as crianças leiam e escrevam de forma espontânea, inserir-se no universo da cultura escrita. Para que isso ocorra

é necessário condições para o desenvolvimento desse trabalho (Amalia Simonetli)

Partindo deste pressuposto, se resolveu questionar às professoras sobre tais condições.

| Que motivos levam os alunos das series iniciais do ensino fundamental a terem dificuldades no processo de leitura e escrita? | |
|---|---|
| Colaboradoras | Condições para o desenvolvimento do trabalho de alfabetização e letramento |
| A | A quantidade de alunos em minha sala de aula ultrapassa o limite favorável para esta aprendizagem. |
| B | Qualificação do professor |
| C | Metodologia inadequada |
| D | A dificuldade está em ter que lecionar em uma sala de aula numerosa onde existe distorção de idade. |
| E | Em meu caso, os motivos que dificultam é o espaço físico da sala que comporta adequadamente os alunos existentes. |

Tabela 4: Condições para o desenvolvimento do trabalho de alfabetização e letramento

Fonte: Elaboração própria

Percebe-se nas respostas das professoras A, D e E juntamente com as observações realizadas, que classes numerosas influenciam no processo da aquisição da leitura e da escrita, pois os ritmos de aprendizagem dos alunos variam, as experiências anteriores dos alunos com a leitura e a escrita também. E assim alfabetizar uma classe numerosa é diferente de alfabetizar uma pessoa em particular. Já a professora B afirmou que a qualificação do professor é fundamental para o desenvolvimento da alfabetização e do letramento. Enquanto que a professora C afirmou que a metodologia inadequada é uma das condições que muita influência no desenvolvimento do trabalho de alfabetização e letramento.

Segundo Marlene Carvalho (2008, p. 16), a metodologia não é mais a questão central ou a mais importante na área da alfabetização, mas quem se propõe a alfabetizar deve ter um conhecimento básico sobre os princípios teórico-metodológicos da alfabetização.

CAPÍTULO IV

4. CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES

A presente pesquisa teve como objetivo investigar os motivos que dificultam o processo de alfabetização e letramento dos alunos das séries iniciais do ensino fundamental da escola X, que faz parte da rede pública de ensino da cidade de Parnaíba. Para a execução da mesma, cinco professoras desta instituição colaboraram com a investigação in loco das práticas de alfabetização e letramento. Constatando-se, se essas práticas vêm acontecendo e como se processam em sala de aula, bem como conhecer os norteadores dessa prática.

Para tanto, a pesquisa em questão teve uma abordagem qualitativa, ou seja, sua abordagem visava identificar o significado das práticas educacionais sobre a vida dos sujeitos em processos de desenvolvimento. Contudo, na busca de dados a mais, houve a necessidade do uso de instrumentos que propiciassem a coleta destes. Assim, buscaram subsídios para a coleta de dados através de questionário aberto para que as colaboradoras pudessem expressar subjetivamente suas ideias sobre o objeto de estudo abordado pela pesquisa. Além destes, recorreu-se as observações diretas nas salas de aula, o que favoreceu o posterior confronto dos dados colhidos com a literatura usada.

Para fundamentação e suporte teórico foram utilizadas as contribuições de Amália Simoneti, Marlene Carvalho, Maria Fernandes, Ana Teberosky, Emília Ferreiro, Piaget, Rosa Neto, Paulo Freire, entre outros.

Ao longo do trabalho os objetivos da pesquisa foram atingidos da seguinte forma.

| Objetivos propostos | Objetivos alcançados |
|---|---|
| <ul style="list-style-type: none"> • Coletar informações sobre o processo de alfabetização de letramento nas séries iniciais. | <ul style="list-style-type: none"> • Este objetivo foi alcançado e pode ser confirmado no capítulo III, através da análise e discussão de dados que confrontado com a literatura bibliográfica do segundo capítulo percebe-se a insuficiência de informações dos professores a respeito de alfabetização e letramento. |
| <ul style="list-style-type: none"> • Analisar as concepções sobre letramento que orientam as práticas dos professores. | <ul style="list-style-type: none"> • Este objetivo também foi alcançado e foi confirmado no capítulo III, através da observação e da fala das professoras relatadas no questionário e apresentada na tabela 02 da categoria de análise. |
| <ul style="list-style-type: none"> • Evidenciar as metodologias aplicadas pelos professores no processo de alfabetização e letramento. | <ul style="list-style-type: none"> • Este terceiro objetivo também foi confirmado no capítulo III, quando confrontamos a observação realizada na sala de aula com as informações colhidas nos questionários na tabela 03 da categoria de análise. |

Tabela 05: Apresentação dos objetivos alcançados

Fonte: Elaboração própria

Diante dos objetivos propostos na tabela acima, percebeu-se nas falas das professoras que a maioria tem um conhecimento evasivo sobre processo de alfabetização e letramento. Isso confirmou por meio das observações feitas durante a pesquisa, onde as mesmas não demonstraram em suas práticas e nem explicitaram nos questionários as concepções e metodologias usadas no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita necessárias aos alunos.

Durante o desenvolvimento do trabalho verificou-se que os processos de alfabetização e letramento são complexos, mas fundamentais para a inclusão social. O ensino do letramento rompe barreiras tradicionais que considera a alfabetização como pré-requisito para o domínio da leitura e escrita. São processos que caminham juntos, e devem ser ensinados juntos no âmbito escolar, ou seja é preciso que o professor não apenas alfabetize ou lete o educando, e sim alfabetize letrando-o, para que possa orientar o mesmo, o ato de ler e

de escrever no contexto das práticas sociais. Portanto para isso é necessário que esteja munido de informações teóricas e práticas a cerca da alfabetização e letramento.

Ao analisarmos a fala das professoras sobre o processo de alfabetização e letramento obtivemos a confirmação das hipóteses levantadas da seguinte forma:

| Hipóteses levantadas | Hipóteses confirmadas |
|---|--|
| <ul style="list-style-type: none"> • Na prática, alguns professores não conhecem bem o processo de letramento | <ul style="list-style-type: none"> • Esta hipótese foi confirmada no capítulo III, através da observação feita em sala de aula onde se constatou que a maiorias das professoras não apresentaram um conhecimento preciso e claro sobre o processo de alfabetização e letramento, pois as suas práticas eram aplicadas de forma evasiva e descontextualizadas. |
| <ul style="list-style-type: none"> • As metodologias usadas para desenvolver o processo de letramento não são adequadas. | <ul style="list-style-type: none"> • Esta hipótese também foi confirmada no capítulo III, quando na observação feita na sala de aula foi possível observar que nenhuma professora citou explicitamente as metodologias usadas no desenvolvimento de habilidades necessárias aos alunos e também através da fala da professora D quando na aplicação do questionário explicito na tabela 03. (... não, porque os docentes utilizam metodologias que estão distante da realidade dos alunos). |
| <ul style="list-style-type: none"> • As condições matérias e estruturais não favorecem o trabalho de letramento e alfabetização. | <ul style="list-style-type: none"> • Esta terceira hipótese também pode ser confirmada no capítulo III, através das observações feitas nas salas de aula onde se percebeu que a estrutura da sala era completamente desfavorável ao número de alunos. Esta mesma confirma-se também através da fala das professoras A, D e E na tabela 4 que sala numerosa influencia no processo de aquisição da leitura escrita. |

Tabela 06: Apresentação das hipóteses confirmadas

Fonte: Elaboração própria

Evidencia-se na tabela acima que a falta de condição estrutural e material é o principal fator que desfavorece a aquisição dos processos de alfabetização e letramento, bem como a falta de qualificação dos professores e as metodologias que os mesmos utilizam.

Portanto, as afirmações aqui relatadas propiciam a confirmação de todas as hipóteses levantadas e diante das considerações apresentadas faz-se necessário enfatizar que os motivos que dificultam o processo de alfabetização e letramento estão relacionados às hipóteses levantadas nesta pesquisa. Assim, ressalta-se que o desafio de alfabetizar e letrar para o professor passam pelo dilema do caminho teórico para se fundamentar e justificar sua prática pedagógica para exercer sua função de educador. Esses pontos são fundamentais.

Contudo os dados obtidos com esta investigação mostraram a necessidade de um contínuo estudo sobre o processo de alfabetização e letramento na vida das crianças em fase de aquisição da leitura e da escrita, pois este estudo pode favorecer ao desenvolvimento de novas práticas que utilizem estes recursos de maneira eficaz. Porém, poderá ter abrangência maior se a pesquisa for desenvolvida em outras instituições de ensino, primando assim, pela qualidade da educação das crianças de Parnaíba

REFERÊNCIAS.

ALMEIDA, Geraldo Peçanha de. **Dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita: método fônico para tratamento.** Rio de Janeiro: Wak Ed, 2009.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática.** 6.ed.Rio de Janeiro: Vozes,2008.

CHARMEUX, Eveline. **Aprender a ler: vencendo o fracasso.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências humanas e sociais.** 6 . ed. São Paulo : Cortez, 2003.

CAGLIARI, L.C. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu.** São Paulo: Scipione, 1998.

FERNANDES, Maria. **Os segredos da Alfabetização.** São Paulo: Cortez, 2008.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização.** 24. ed. atualizada. São Paulo: Cortez, 2001.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita:** Tradução Diana Myrian Linchtenstein, Liana Di Marco, Mário Corso. Porto Alegre: Artmed, 1999. 304p.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 49 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler.** São Paulo: Cortez, 1998.

HOUISS, A. VILLAR, M.S. **Dicionário Houiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KATO, M. A. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística.** São Paulo: Ática, 1985.

KATO, Mary. (org.) **A concepção da escrita pela criança.** Campinas: Pontes, 1988.

KRAMER, S. **Alfabetização leitura e escrita:** formação de professores em curso. São Paulo: Ática, 2001.

LAKATOS, E; Maria & MARCONI, Mariana de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LUCHESI, C. C. (et. al.) **Universidade: uma proposta metodológica.** 13. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MAGRO, M. C. **Estudar também se aprende.** São Paulo: EPU, 1979.

MATURANA, Humberto. **Da biologia à psicologia**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MOURA, D.C., MORAIS, A.G. **O sistema de notação alfabética : concepções e práticas d ensino dos docentes da alfabetização de jovens e adultos**. São Luís: CDRUM, 2001.

NUCCI, E. P. di. **Alfabetizar letrando: Um desafio para o professor**. In: LEITE, S.A.S. **Alfabetização e letramento: Contribuições para as Práticas Pedagógicas**. São Paulo: Komedi, 2001.

NILHAREZI, M. J. **O ensino da leitura e da escrita na fase inicial da escolarização**. São Paulo: EPU, 1987.

_____, **Parâmetros curriculares nacionais : língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília :1997.

ROSA NETO, F. **Manual de avaliação motora**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

SALOMON, D. V. **Como fazer uma monografia**. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SILVA, E. **Leitura e realidade brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1983.

SIMONETTI, Amália... [et al], Ceará: Livro técnico, 205.208p.

SMITH, Frank. **Leitura significativa**. Porto Alegre, 1999.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

VYGOTSKY, L. S. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1988.

APÊNDICES